



PSICANÁLISE

Jacques André

A sexualidade masculina

Blucher

 **SPPA**
Sociedade Psicanalítica
de Porto Alegre

A SEXUALIDADE MASCULINA

Jacques André

Tradução

Vanise Dresch

A sexualidade masculina

Título original em francês: *La sexualité masculine*

© 2025 André Jacques

Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Rafael Fulanetti

Coordenação de produção Ana Cristina Garcia

Tradução Vanise Dresch

Diagramação SBNigri Artes e Textos Ltda.

Revisão de texto Equipe editorial

Capa Juliana Midori Horie

Imagem da capa iStockphotos

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Heytor Diniz Teixeira, CRB-8/10570

André, Jacques

A sexualidade masculina / Jacques André ; tradução de Vanise Dresch. – São Paulo: Blucher, 2025.

168 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2780-9 (Impresso)

ISBN 978-85-212-2776-2 (Eletrônico – Epub)

ISBN 978-85-212-2777-9 (Eletrônico – PDF)

Título original em francês: *La sexualité masculine*.

1. Psicanálise. 2. Orientação sexual. I. Título.
II. Dresch, Vanise.

CDU 159.964.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise CDU 159.964.2

Conteúdo

Apresentação da edição brasileira	7
Introdução	13

PRIMEIRA PARTE – AS FONTES

Instinto e pulsão	23
O infantilismo da sexualidade	29
Mãe e filho	35
A dominação masculina	41
O pênis, o falo e a transmissão da virilidade	45
Brochada, ejaculação precoce e outras impotências	49
A mulher perigosa	53
A depreciação da mulher	57
Entre homens	63
Retorno ao ninho	67
A jovem de 20 anos	71
Ereção inventiva	75

Adolescência	81
Homossexualidades	85

SEGUNDA PARTE – FIGURAS

Fetichismo	103
Felação	107
Sodomia	111
Palmas	115
Estupro	119
<i>Sex-addict</i>	123
Pornografia	127

**TERCEIRA PARTE – QUADROS CLÍNICOS,
LITERÁRIOS E CINEMATOGRÁFICOS**

Você será um homem, meu filho	133
Masturbação adolescente	135
Diferença dos sexos	137
Don Juan	139
O consolo	141
A maré	143
Mulher grávida	147
A flor do mal	149
O voyeur	153
Masoquismo e feminilidade de Sade	155
Sexualidade radical	159
Sexualidade do desamparo, desamparo da sexualidade	163
Referências	167

Apresentação da edição brasileira

É com grande satisfação que damos seguimento às publicações da coleção de obras psicanalíticas da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA), pela primeira vez agora em parceria com a Editora Blucher, que, a partir de um esforço da atual Diretoria da SPPA, abraçou a tarefa de editar em português o livro *A sexualidade masculina*, de autoria de Jacques André.

O autor é um psicanalista francês amplamente reconhecido em nosso meio, que esteve diversas vezes no Brasil para participar de atividades científicas em Sociedades Psicanalíticas filiadas à IPA (*Internacional Psychoanalytical Association*). Em 2012, foi o convidado internacional da SPPA e, mais recentemente, em 2024, retornou à instituição, quando proferiu, entre outras, a palestra “O mito do masculino”, que inaugurou as atividades científicas daquele ano.

Jacques André nasceu na França, em 1946, e realizou sua formação superior primeiramente em Filosofia na Universidade Paris-Nanterre. Por intermédio de seu professor Jean François Lyotard, foi apresentado à psicanálise e à obra de Freud, o que refere que o estimulou naturalmente à busca por tornar-se psicanalista. É também doutor e professor emérito de Psicopatologia na Universidade

de Paris 7 – Diderot, bem como lecionou em outras universidades francesas ao longo dos anos.

Analisou-se com Joyce McDougall e tornou-se membro e depois analista didata da Associação Psicanalítica Francesa (APF). Ele é notadamente conhecido por seus trabalhos sobre a feminilidade e sobre a feminilidade originária da criança, partindo da teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche, o qual foi seu orientador para a tese de doutorado.

André coordenou a coleção *Petite Bibliothèque de Psychanalyse*, e possui uma extensa série de livros e artigos publicados, entre os quais o *Vocabulário básico da psicanálise*, *La révolution fratricide: essai de psychanalyse du lien social*, *L'imprévu en séance*, *Psychanalyse, vie quotidienne*, *La sexualité féminine*, *Paroles d'hommes*, *La revanche des Méduses*, entre outras. Foi também organizador de várias obras em seu país. Exerceu a presidência da Associação Psicanalítica Francesa (APF) entre os anos de 2009 e 2011. Segue atuando como analista didata nessa instituição e como professor de Psicopatologia clínica na Universidade Paris 7.

Consideramos um privilégio possibilitar aos leitores de língua portuguesa o livro *A sexualidade masculina*, de J. André. Além de haver relativamente poucas obras que versem sobre essa temática na atualidade, o tratamento dado ao tema por nosso autor é original e profundamente psicanalítico, no sentido de que ele busca compreender os complexos e conflitos masculinos a partir de um referencial que não se deixa constanger pelas ideologias do momento. Ao contrário, ele ilustra com muita clareza o *caráter atemporal dos processos inconscientes*, que identifica e exemplifica tanto no exercício da psicanálise quanto na “força das palavras dos poetas”, vários dos quais citados em muitas das passagens do livro. Afirma que a “liberação sexual” transformou o comportamento e as práticas de homens e mulheres, mas deixou intactos o *conflito* psíquico e sua coorte de sintomas e inibições, e os homens não ficaram simetricamente mais livres em

relação à liberdade sexual conquistada pelas mulheres. Tiveram, sim, um ganho em incerteza e questionamentos – enquanto perderam em triunfo –, e foram também beneficiados em sua feminilidade.

Jacques André entende que a vivência das relações sexuais e amorosas entre homens (mas também entre homens e mulheres) é inseparável da divisão entre o que é permitido e o que é proibido em cada sociedade e cultura. Os tempos mudam, e a linha divisória entre o permitido e o proibido pode variar muito no espaço das culturas, e evoluir ao longo do tempo de sua história, desafiando qualquer natureza, mas nunca falta.

Destaca que a psicanálise navega entre dois escolhos: de um lado, um universalismo abstrato que se condena a negar as diferenças culturais e as mudanças históricas, e de outro, um empirismo disperso que se tornou cego para as invariâncias.

Como coloca nesta obra, tendo inclusive outro livro publicado a esse respeito, “o inconsciente não é politicamente correto”. Ou seja, em sua análise das questões atinentes à sexualidade masculina, busca o âmago das pulsões e fantasias masculinas e não se ocupa nem se preocupa em satisfazer ideologias de qualquer ordem.

Considera como movimento mais recente de “*emancipação*” a *escolha* sexual, a liberdade de orientar-se de acordo com o desejo que se tem pelo outro, quer seja do mesmo, quer seja de outro sexo, ainda que o “tudo é possível, tudo é permitido” da vida sexual contemporânea também encontre seu limite (por exemplo, na pedofilia). Em seu entendimento, não há sociedade, passada ou presente, que não submeta a vida sexual a algum tipo de regulação.

Aprendemos em sua escrita a alusão aos aspectos da violência masculina e do ódio à mulher como um fato que atravessa toda a história da humanidade. Pensamos com ele – assim como o fazem muitos psicanalistas que se dedicaram a essa questão – que esse ódio está provavelmente ligado ao poder da mulher sobre a vida e a morte.

Haveria então uma necessidade masculina de dominar e subjugar a mulher, pois esse poder gera inveja e desejo de destruí-la. A mulher seria essencialmente muito desejada e, simultaneamente, rechaçada por sua potência ameaçadora. A mãe, em especial, muito buscada pela sedução que exerce para com o filho, mas também temida pelos desejos incestuosos que provoca. Assim, a ternura por essa mulher tão poderosa e almejada se vê confrontada pelas pulsões de domínio e posse sexual. Por isso é tão difícil para o homem unir em uma única representante feminina o amor e o desejo sexual. O sexo lhe parece incestuoso e degradante para a mulher (representante da figura materna). Assim, o destino da sexualidade é acabar muitas vezes dissociado do amor.

O livro compõe-se de três partes. Na primeira, a qual chama de “As fontes”, discorre sobre várias características e situações que identificam a sexualidade masculina, tais como: instinto e pulsão, infantilismo da sexualidade, dominação masculina, o pênis, o falo e a transmissão da virilidade, brochada, ejaculação precoce e outras impotências, etc. Em todas essas passagens, evolui sobre aquilo que se passa no psiquismo masculino e suas consequências na vivência das relações de objeto.

A segunda parte, denominada “Figuras”, aborda aspectos em sua maioria ligados à psicopatologia da sexualidade masculina, tais como: fetichismo, sodomia, estupro, sex-addict, pornografia.

A terceira e última parte é reservada à discussão de quadros clínicos, literários e cinematográficos.

Acreditamos que a leitura deste livro propiciará a todos um aprofundamento na compreensão da sexualidade masculina e nas idiosincrasias que a caracterizam, e também será esclarecedora do quanto os conflitos e fantasias presentes na natureza do homem são intrinsecamente responsáveis pelas apresentações manifestas dessa sexualidade. Trata-se de uma escrita que é, ao mesmo tempo, profunda, interessante e que oferece clareza, vivacidade e leveza na leitura.

Antes de encerrar, gostaríamos de fazer alguns agradecimentos. Somos gratas pelo empenho e parceria da Blucher para esta publicação. Queremos igualmente agradecer pela cuidadosa tradução de Vanise Dresh e pela aplicada revisão técnica de nossos colegas, os psicanalistas Luciane Falcão e Renato Lucas.

Por fim, nossa gratidão à Diretoria da SPPA e, em especial, à sua Presidente, a psicanalista Katia Radke, pela dedicação ao propósito dessa parceria, sem a qual não poderíamos estar agora comemorando a aquisição desta instigante obra de Jacques André.

Desejamos a todos uma ótima leitura.

Kátia Ramil Magalhães

Diretora de Publicações e Comunicação
da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

Lúcia Thaler

Coordenadora da coleção de livros
da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

Introdução

“Seria mais fácil se, de vez em quando, elas dissessem: Oh não! Oh não...” Elas diziam “não”, agora dizem “sim”, quando não se antecipam ao chamado e pronunciam a primeira palavra... Nesses casos, acrescenta Charles, “você diz a si mesmo que vai ter que garantir a ereção”. Charles, um jovem em análise, resume em poucas palavras, com um misto de humor e preocupação, a nova posição sexual reservada aos homens pelas mudanças de nossa época. As mulheres não são mais como eram, e o tempo em que descobriam a ereção masculina na noite de núpcias agora cheira pré-história, embora se calcule esse tempo, que era o das heroínas de George Sand, em pouco mais de um século. Na era da paridade entre os sexos, a dominação masculina perdeu seu sossego e a bandeira do machismo está a meio mastro. Lucien, homem de outra época apesar de ter trinta e poucos anos, ainda pode anunciar aos quatro ventos que “existem dois sexos, os homens e as secretárias”, mas a nostalgia por trás do humor cínico de suas palavras lembra mais um “Éden” perdido do que um império garantido.

A história da sexualidade é descontínua, impossível de ser contada em uma linha evolutiva que iria da repressão mais implacável

à emancipação total. A “liberação sexual” que caracterizou as sociedades ocidentais no século XX não pode ser compreendida sem referência ao século XIX, singularmente higienista, apaixonado pela repressão da masturbação, mas reativo, por sua vez, ao século XVIII, revolucionário, esclarecido e libertino, em que se sonhava – a exemplo do *Supplément au Voyage de Bougainville*, de Diderot – com a sexualidade livre do “bom selvagem”.

Esboçada no período entreguerras, a “liberação sexual” acelerou-se acentuadamente a partir da década de 1960. Embora tenha inevitavelmente envolvido ambos os sexos – a sexualidade é a relação entre eles –, ela afetou principalmente as mulheres. Em todas as épocas – e em todas as culturas –, por mais repressivas que fossem, os homens sempre desfrutaram de uma liberdade inversamente proporcional ao controle a que as mulheres eram submetidas: de um lado, a frígida ordem conjugal, e do outro, o calor sensual do bordel. Mas os tempos mudam, e a contracepção deu às mulheres a oportunidade de não mais se confundirem com as mães, de distinguirem entre o desejo sexual e o desejo de ter filhos. Se tivéssemos que reter um único indício da nova ordem seria o fato de o tabu da virgindade ter caído em desuso em poucas décadas, dando-nos a dimensão da profundidade da mudança. Cabe assinalar que, na era da globalização, aquilo que diz respeito principalmente às sociedades ocidentais não poupa as culturas mais intransigentes, como no Magreb, onde o conflito entre a liberdade emergente das mulheres e o peso da tradição deu origem a uma nova especialidade médica: reparar o hímen para restaurar a “inocência” da noite de núpcias.

As palavras de Charles e Lucien sugerem claramente que a liberdade conquistada por *elas* não faz simetricamente homens mais livres. O que a sexualidade masculina perdeu em triunfo (com ou sem glória), ela ganhou em incerteza e questionamentos, tornando-se ou voltando a ser, por isso mesmo, interessante. Ainda mais que a chamada “liberação” não se limitou a liberar apenas a feminilidade

das mulheres, mas também beneficiou a feminilidade dos homens. A onda mais recente de emancipação diz respeito à *escolha* sexual, à liberdade de orientar-se de acordo com o desejo que se tem pelo outro sexo ou pelo mesmo sexo (*homo*). Nesse caso também, as coisas evoluíram muito depressa, a exemplo daqueles homossexuais, homens e mulheres, que se beijam vorazmente na Puerta del Sol, em Madri, no mesmo lugar onde ainda ontem reinava a estreiteza da ordem franquista e católica, versão *Opus Dei*.

A história de qualquer ciência é sempre a história de um saber progressivamente constituído, contra o erro, contra o desconhecido – uma história da invenção. Será que a sexualidade já *inventou* alguma coisa? Qual gesto ou prática de hoje teria sido desconhecido por nossos antepassados remotos? Já se descobriu alguma vez uma “posição” totalmente inédita? A julgar por até onde alcançam os arquivos, isto é, alguns milênios atrás (pinturas paleolíticas, cerâmicas gregas, ameríndias ou do Vale do Indo, afrescos romanos, etc.), tem-se a impressão de que esse “saber” sempre existiu. Uma história da sexualidade é certamente possível, já tendo sido, aliás, fartamente escrita,¹ mas corresponde mais às representações do ato do que ao ato em si. A penetração do adolescente passivo, *erômeno*, pelo adulto ativo, *erastes*, era obrigatória para a transmissão da virilidade na antiga e guerreira Esparta. Para Tomás de Aquino, era o pior dos “pecados contra a espécie”. A felicidade de uns é o horror de outros. A linha divisória entre o permitido (ou mesmo obrigatório, como o *dever* conjugal) e o proibido pode variar muito no espaço das culturas e evoluir ao longo do tempo de sua história, desafiando qualquer “natureza”, mas nunca falta. Não há sociedade, passada ou presente, que não submeta a vida sexual à regulação. A sociedade atual não é exceção. O tão

1 A mais recente, o excelente livro *Histoire de la virilité*, organizado por A. Corbin, J.-J. Courtine et G. Vigarello, 3 vol., Paris, Seuil, 2011.

propalado “tudo é possível, tudo é permitido” que rege a vida sexual contemporânea encontra seu limite na paixão pedófila: “Tudo..., exceto a criança”. “Paixão”, porque ao opróbrio só se iguala a fascinação, quando o uso sexual da criança deixou indiferentes muitas culturas, muitas épocas.

Independentemente da diversidade de suas referências, este não é um livro de historiador, antropólogo, sociólogo ou biólogo, é um livro de psicanalista.

Não há dúvida de que a sexualidade masculina pode ser concebida a partir de vários pontos de vista sem que um tenha a pretensão de valer mais do que os outros. A originalidade da psicanálise no assunto reside na relação privilegiada de seu objeto, *o inconsciente*, com o sexual. O inconsciente não é simplesmente aquilo que escapa à consciência ou ao conhecimento. Muito mais radicalmente, ele é o inaceitável, *o indesejável*, aquela parte selvagem no âmago de nós mesmos que faz com que “Eu é um outro” (Rimbaud), habitados como somos por um corpo estranho interno que comanda, à nossa revelia, muitas de nossas escolhas (principalmente amorosas e sexuais), nos transporta, durante o tempo de um sonho, para terras perigosas nunca visitadas e planta, ao longo do nosso caminho, emboscadas e sintomas dos quais poderíamos ser poupados. O sexual inconciliável com as exigências policiadas do Eu, o sexual recalcado, pode não ser por si só o inconsciente, mas é uma grande parte dele. Toda a experiência psicanalítica não faz senão confirmar que esse sexual pode ser afastado, mas não silencia. Pelo contrário, ele constitui, em cada um de nós, a ponta aguçada do que nos faz gozar ou falhar.

A psicanálise nasceu no final do século XIX, época em que se multiplicavam as histerias, impondo-se aos adolescentes de ambos os sexos a rejeição violenta da masturbação (com a ameaça de loucura ou degeneração) e às mulheres um “Não!” para toda a sua vida sexual, inclusive em pensamento. “Elas não confessam para si seus

sentimentos. Confundem desejo com amor”², escreve Flaubert. Inversamente, vivemos em tempos de generalização do “Sim!”, que desloca as linhas da “patologia” comum: o(a) adolescente de 16 anos que ainda não teve sua primeira relação sexual já está atrasado(a), o homem ou a mulher que só faz amor uma vez por semana sofre de pauperização, quem não consegue ter um orgasmo deve procurar um sexólogo e, quanto ao número de parceiros ao longo de uma vida, perde-se a conta. O que ainda permanece *recalcado* depois de um regime como esse? Certamente não as mesmas representações: Freud ficaria um tanto espantado ao ouvir os analisandos de hoje, homens ou mulheres, falarem sobre sua masturbação em tom de conversa. Quem, hoje, pensaria em considerar a felação como uma “horrível perversão”? Até mesmo a própria sodomia perdeu seu cheiro de enxofre e foi rebaixada ao nível de prática comum. Os tempos sexuais mudaram, assim como os discursos no divã. Porém, a reminiscência, a insistência de algumas palavras de sempre, como brochada,³ ejaculação precoce ou “amolecer”, vêm seriamente abalar o hedonismo estabelecido. A “liberação sexual” transformou o comportamento e as práticas de homens e mulheres, mas deixou intactos o *conflito psíquico* e sua coorte de sintomas e inibições. A sexualidade nada mais seria que prática e técnica, bastando aprender de cor o *Kama Sutra*. Mas ela é também, e *antes de tudo*, psíquica. E aqui tudo se complica. A “liberação sexual” é a confirmação paradoxal da constatação psicanalítica de que não há tratamento social ou político da questão sexual, ou pelo menos, de sua parte sempre inaceitável. A liberdade social é prazerosa, a liberdade psíquica é angustiante.

2 *La Bêtise, l'art et la vie: en écrivant Madame Bovary*, Bruxelles, Éditions Complexe, 1991, p. 59.

3 N.T.: No original, *fiasco*. De origem italiana, o vocábulo adquiriu, em francês, a acepção de fracasso sexual masculino.

A psicanálise sustenta, com uma pretensão tranquila que incomoda muita gente, o caráter *atemporal* dos processos inconscientes. Isso não significa absolutamente uma indiferença ao espírito da época. O inconsciente opera em relação ao contexto histórico e cultural da mesma forma que um sonho opera em relação ao dia que o antecede; ele extrai desse contexto o material com o qual constrói sua própria realidade, mas esta nunca é uma simples imagem do que o mundo oferece. A psicanálise navega entre dois escolhos: o primeiro é elevar o Inconsciente ao nível de uma transcendência que ignora as variações sociais e o segundo, reduzir a *realidade psíquica* ao simples registro do mundo circundante. De um lado, um universalismo abstrato que se condena a negar as diferenças culturais e as mudanças históricas, e do outro, um empirismo disperso que se tornou cego para as invariâncias.

Seria necessário ser psicanalista para convencer-se de que nada abalou a frequência da brochada e da ejaculação precoce (e, do lado feminino, da frigidez), apesar do novo imperativo que governa nossas vidas sexuais, “o gozo irrestrito”? Tais sintomas por si só não explicam nada, mas têm o mérito de expressar o *sempre* por trás do *agora*. O exemplo da “dominação masculina” é notável nesse aspecto. Em uma época em que a paridade faz a lei, essa dominação se tornou politicamente incorreta, à espera de tornar-se socialmente obsoleta (?). Ela também é condenável, sendo o primeiro alvo da lei sobre o assédio sexual. A libido dos homens teria seguido o exemplo para finalmente deixar de ser *dominandi*? A fantasia da depreciação das mulheres teria se tornado uma peça de gabinete de curiosidades? Seja como for, ela não abandonou os consultórios de psicanálise, onde ecoa constantemente. É impossível confundir a temporalidade à qual são submetidas as representações sociais da sexualidade (masculina) com a temporalidade de suas raízes mais profundas – a mais imutável, para dizer o mínimo. Para dar um simples exemplo: um homem pode ser um fervoroso defensor

e militante dos direitos das mulheres e, ainda assim, só conseguir ejacular se sua mulher estiver em posição de “cachorrinho”. O inconsciente opõe resistência, é politicamente incorreto.

Charles, Lucien, Vincent, François, Paul e outros homens deste livro, pacientes do psicanalista, não são todos os homens. É impossível fazer um inventário exaustivo de todas as facetas da sexualidade masculina. O que se escuta de um homem sempre revela uma tessitura feita de singularidade absoluta e da parte cultural compartilhada da experiência. A psicanálise não é uma sexologia, é mais uma arqueologia, uma historicização; a vida sexual, sua parte mais íntima, não é o resultado de um saber adquirido, é a obra de uma vida inteira, desde os primeiros dias. Não há fantasia presente na cena psíquica da qual não se possa resgatar a determinação remota, rastrear a gênese, por menos que se preste à análise.

Joyce, Leiris, Apollinaire, Michelet, Stendhal, Ovídio, assim como alguns outros citados nestas páginas, nunca se deitaram em um divã, mas o que deixaram por escrito, principalmente em seus diários e correspondências, possui a força das palavras do poeta, a força de ir direto ao cerne da experiência humana.



As mulheres não são mais as mesmas, e o tempo em que a descoberta da virilidade aguardava a noite de núpcias tornou-se pré-histórico. No entanto, a liberdade conquistada por elas não criou, simetricamente, homens mais livres. Se antes elas diziam “não”, hoje dizem “sim”, e aí reside um novo problema. O que a sexualidade masculina perdeu em triunfo e dominação, ganhou em incerteza e questionamentos.

Nesta obra, Jacques André destaca a mudança que essa perda de tranquilidade viril provocou. A partir da escuta clínica no divã, de diários íntimos e correspondências, explora sem falsos pudores a vida sexual dos homens em sua faceta mais secreta.

Entre o machismo em baixa e a emergência da própria feminilidade, o autor sonda o núcleo vibrante do desejo masculino contemporâneo – aquele ponto exato que os faz gozar ou falhar.

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2780-9



9

788521227809



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

A sexualidade masculina

Jacques André

ISBN: 9788521227809

Páginas: 168

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2025
